

HISTÓRIA E LITERATURA: A NAÇÃO REPUBLICANA NOS ROMANCES DE NESTOR DUARTE

Giselle Laguardia Valente¹

Nestor Duarte Guimarães (1902-1970), baiano de Caetité, destacou-se como jurista, ensaísta, romancista, professor e político. Apesar de pouco visitado, escreveu livros relevantes para o pensamento político brasileiro, entre eles, *A ordem privada e a organização política nacional*², de 1939, considerado um clássico por muitos analistas. Contribuiu para a construção de uma determinada representação da nação brasileira, fazendo uma análise do desenvolvimento das instituições políticas e do poder público no Brasil. A trajetória política, as obras de filosofia do direito, de sociologia, de direito agrário e os romances de Nestor Duarte revelam-se complementares. O estudo dos intelectuais traz uma enorme diversidade de fontes para a pesquisa, abarcando textos impressos cuja origem, circulação e transmissão são tributadas a eles e requerem um esforço sistemático de análise e interpretação dos elementos que não se apresentam coesos, mas encontram-se dispersos, constituindo assim em um obstáculo a ser superado por quem trabalha a história dos intelectuais³.

No cruzamento do literário com o histórico encontramos um novo desafio. Seria possível ver a história na literatura que se escreve? A interação e a interpenetração dos discursos literários têm produzido fecunda discussão entre historiadores e críticos literários, que provam ser possível estabelecer esse cruzamento interdisciplinar. História e literatura, cada uma a seu modo, reconfiguram um determinado passado. À luz desse debate buscou-se verificar as possibilidades históricas e documentais presentes nos textos ficcionais duartianos. Para além das diferentes perspectivas de entendimento das relações entre história e literatura, pensa-se que a participação do historiador consiste em averiguar os elementos sociais e políticos que estão

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutoranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Professora do Centro Universitário de Caratinga - UNEC e coordenadora técnica do Núcleo de Documentação e Estudos Históricos da mesma instituição. E-Mail: <giselle@funec.br>.

² DUARTE, Nestor. *A ordem privada e a organização política nacional: contribuição à Sociologia Política brasileira*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966 [1939].

³ Sobre a história das idéias e dos intelectuais Sirinelli faz referência a duas acepções advindas da tentativa de definir o termo intelectual: “*uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais*”, aqui inseridos o jornalista, o escritor, o professor e o erudito, e outra baseada “*na noção de engajamento na vida da cidade como ator, testemunha ou consciência*”, que traz em si possibilidades “*dissonantes e polifônicas de representações*”. SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 242. Nestor Duarte se encaixa nessas duas acepções: é um intelectual que mescla pensamento e ação política.

presentes na peça literária, tornando possível, através da literatura, a reflexão sobre o passado. Na escrita literária de Duarte encontramos um fecundo campo para a reflexão sobre o discurso republicano, enriquecendo a análise de seu pensamento.

Seus romances, no momento de sua publicação, não deram a ele consagração e notoriedade, não se colocaram como *best sellers* de sua época. Também não foram reeditados, com exceção do primeiro, apesar de terem sido publicados por grandes casas editoriais brasileiras, não se colocando na linha de obras primas. Sua produção pode ser encaixada no que se poderia chamar de “literatura menor” e considerá-la assim não significa desqualificá-la.

Seu primeiro romance, intitulado *Gado humano*, foi publicado em 1936, pela editora Coleção Pongetti. Em 1958 publicou *Tempos temerários* e, dez anos depois, *Cavalo de Deus*, ambos pela José Olympio⁴. Dos três romances que escreveu, só *Gado humano* teve uma segunda edição publicada, em 1998, por iniciativa do Conselho Estadual de Cultura da Bahia. Para o historiador que se debruça sobre seus textos, não há como ignorar a dimensão do tempo decorrido entre a narrativa e a escritura de seus romances. Os trinta e dois anos de escrita duartiana, foram marcados por uma intensa vida política e parlamentar de Duarte, incluindo os estudos concernentes à estrutura agrária brasileira⁵.

Compondo o complexo regionalismo do pós-30, os romances de Nestor Duarte revelam a interface possível entre história e literatura, na medida em que seus textos podem ser concebidos como fragmentos de uma obra que pretendeu fornecer um retrato do Brasil e propor um projeto de nação. Nessa perspectiva, é pertinente a análise de Antônio Cândido, de que a existência do subdesenvolvimento permite compreender a referência a manifestações desse fenômeno literário, que revela, a seu modo, contradições, ressentimentos e desigualdades⁶. Duarte constrói seus romances buscando fazer uma literatura-documento sem, contudo, fazer um veto ao imaginário e à subjetividade. Sua matriz é escorada na precisão, na pretensão de objetividade, na exatidão, em que determinada concepção e modelo de sociedade são colocados em discussão, com a finalidade de estabelecer o vínculo obrigatório entre a criação literária e a nação.

O Brasil de *Gado humano* é o da ausência do espaço público, da situação de abandono das populações rurais que o motivaram a empreender estudos posteriores. Em seu texto literário, percebe-se a semente da “visão dualista” da sociedade brasileira, revelando uma tentativa de superação de um Brasil arcaico, isolado, cujas relações sociais e de poder se cristalizaram ao longo dos primeiros 50 anos da República brasileira. Carlos Ciacchio, crítico literário da Bahia, ressaltou o caráter criativo de *Gado humano*, vendo-a como uma obra “*narrativa e*

⁴ A Editora José Olympio é, em vários aspectos, uma das grandes editoras brasileiras. Foi dirigida por Gilberto Freyre, Otávio Tarquínio de Souza e também por Fernando de Azevedo. Especialmente no contexto dos anos 30, quando se generalizaria um desejo de nacionalizar o livro e torná-lo instrumento da cultura, ela teve um papel importante para a difusão da literatura moderna.

⁵ Condensados em *Reforma agrária*, de 1953. DUARTE, Nestor. *Reforma agrária*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.

⁶ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1973.

*impressionista, esquemática, onde cada capítulo sugere um novo, onde para cada fragmento de romance, um novo romance se abre como possibilidade*⁷. Na concepção de seu romance, Duarte persegue a precisão e a síntese. Em torno de uma fazenda, desenvolve-se o drama das populações do sertão baiano, em luta contra a “civilização” do litoral. *Gado humano* transmite um grito do sertão e de sua gente humilde e pobre contra o mar e a cidade, insensíveis à sua existência. O cenário é o da seca e do banditismo. O romance denuncia a existência de homens que, apesar de constituírem uma comunidade territorial, lingüística, étnica e religiosa, não compõem nenhuma forma política expressiva⁸. Esse potencial político do projeto literário de Nestor Duarte aponta para a necessidade de superar essa ausência a fim de se chegar a uma nação moderna. Pretendemos analisar os elementos do romance que constituem a interpretação histórica, social e política de Duarte⁹, buscando estabelecer as articulações entre o texto literário e as relações sociais e de poder consolidadas durante a Primeira República, com ênfase em temas específicos como o coronelismo, a jagunçagem, a organização política brasileira em seus limites e possibilidades. O registro de imagens do ermo, da seca, da fome, de uma gente desprovida de terras, de direitos, de futuro e de existência política sugere um retrato do Nordeste, como parte vital do Brasil, que de “eito em eito”, de “ermo em ermo”, é uma representação de um povo, de uma nação, de uma cultura. Duarte deixa em aberto as possibilidades de superação da “realidade” brasileira, naquele momento de construção de um caminho nacional de passagem para o moderno.

*Não há aqui a história de um indivíduo, em torno ao qual giram muitos. Antes se desloca o livro deste cunho individualista, para tentar descrever a existência de massas informes de indivíduos, sem convivência a mais intensa do que a de rebanho, em que se misturam, por imposição de ambiente e de vida comum, mas sem íntima penetração, que os prendesse numa história de curso contínuo.*¹⁰

Gado humano mostra-se um documento, ao denunciar a vigência no Brasil de um sistema arcaico, herdeiro de uma concepção político-econômica da metrópole portuguesa no início da colonização. O romance é representativo de um imaginário do campo e do homem rural, presente na década de 1930, no Brasil. Conta a

⁷ CIACCHIO, Carlos. “Homens e obras”. Salvador, *A Tarde*, 9 dez. 1936.

⁸ Se tomarmos o conceito de Anderson, de que a Nação é constituída de uma “*comunidade imaginada*”, que mantém relação com o real e por isso sustenta-se no conjunto social, o regionalismo funcionaria como um fator intrinsecamente vinculado à comunidade e constituinte de sua identidade. ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

⁹ Segundo Compagnon, o trabalho com a literatura implica em uma abordagem do texto que considere dois aspectos: o ponto de vista contextual, histórico e sociológico, e nesse caso o texto é documento; e o textual ou lingüístico, enquanto fato da língua, no qual a literatura é vista como a “*arte da linguagem*”. Nesse trabalho, daremos ênfase no aspecto documental do texto. COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

¹⁰ DUARTE, Nestor. *Gado humano*. 2. ed. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo; Conselho Estadual de Cultura; EGBA, 1998, p. 25.

história de Ângelo, um bacharel que deixa a cidade e volta ao campo, para a propriedade herdada de sua família, para trabalhar com camponeses, gente simples e humilde. Lugar da redenção, o sertão é mostrado em contraposição à cidade grande. O próprio título do romance guarda referência ao homem do campo que precisa ser conduzido e orientado por alguém mais capaz, para a construção de uma vida melhor, sugerindo também que esses homens são destituídos de capacidade de iniciativa, de superação, de reflexão, transformando-os em animais, misturados à paisagem.

Para Duarte, o sertão constitui o *locus* da brasilidade e de tudo o que precisa ser superado para se chegar a uma nação moderna. Entendemos que, apresentando as fragilidades do meio rural, caracterizado pelo privatismo e pelo absentismo político, Duarte sinaliza para o que acredita ser o cerne dos impasses existentes para a questão da modernização do país. O itinerário percorrido pelas várias personagens do romance revela os fundamentos arcaicos de certa organização política em suas possibilidades e limites; outrossim, nessa experiência política encontram-se os resíduos e os sinais daquilo que o Brasil modernizado precisa expurgar.

Com Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, temos um clássico representante dessa tradição literária de se pensar o meio influenciando o homem, definindo sua história. Nos termos euclidianos, de certa forma apropriados por Duarte, no isolamento do sertão podem ser encontrados os elementos mais puros de nossa nacionalidade. Ali o sertanejo está adaptado à sociedade e ao meio em que vive. Seu labor nas terras castigadas e intocáveis do sertão fizeram dele o mestiço viável, em paradoxo com a perspectiva da teoria do social darwinismo e do evolucionismo cultural, que viam a mestiçagem como um problema presente na formação do povo brasileiro. Nestor Duarte, em *A ordem privada e a organização política nacional*, reforça a interpretação do Brasil, ancorada nessa singularidade nacional a partir da categoria espaço que, como nos sugere Candice Vidal e Souza, faz emergir a “*pátria geográfica*”. A precária unidade do país e a oposição litoral/ sertão, conforme nos informa a autora, são tópicos recorrentes nas célebres narrativas de Euclides da Cunha, Cassiano Ricardo, Oliveira Vianna, Nelson Werneck Sodré e Nestor Duarte (ainda que menos conhecida). Os dois últimos tratam dos impasses da sociabilidade política própria do interior, marcada pelo privatismo desafiando a centralidade estatal¹¹. Vale citar aqui um fragmento do referido ensaio de Duarte, no qual demonstra essa posição:

O litoral citadino, o nascente brilho posterior, o ruído de sua ideologia, é outra causa deformadora de nossa visão quando observamos o Brasil. Há sempre quem lhe empreste, pelo papel que vai tendo agora, uma função de líder, orientador e modelador de nossa vida pública e assim só procuramos ver o Brasil por intermédio do litoral e depois de passar

¹¹ SOUZA, Candice Vidal. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora UFG, 1997.

por ele. A verdade é que, ainda que custe acreditar, a vida política do Brasil, como a sua força econômica, veio do interior para o litoral.¹²

Dentro de uma visão da “literatura como missão”, que Sevcenko¹³ considera exemplar de toda uma geração intelectual - que fazia história escrevendo literatura -, Duarte, em *Gado humano*, denuncia as contradições da sociedade e a situação de marginalidade social em que se encontravam as populações rurais, revelando-se um trabalho que pode ser encaixado na moldura do presente, no qual a questão da terra continua na ordem do dia. Segundo entendemos, ao apresentar com “realismo” o *locus* da brasilidade, ao criticar o “feudalismo”, o privatismo e o clientelismo presentes no sertão, Duarte enfatiza a necessidade de superação dessas características para se chegar à sociedade moderna, que em seu projeto é a base da nação.

Em *Tempos temerários*¹⁴, Duarte apresenta-nos um quadro da sociedade brasileira dos anos 30, 40 e 50, impedida de realizar uma verdadeira “revolução democrática”. A criação do cidadão, desse indivíduo capaz de sintetizar em si mesmo a vida pública e a vida privada, tornou-se uma utopia. De fato, a estagnação e a inércia da “velha sociedade”, suas limitações e contradições internas, denunciadas em *Gado humano*, sinalizam para a abertura de uma perspectiva que irá concretizar-se no segundo romance do autor, *Tempos temerários*.

A relevância de sua intervenção literária se processa na medida em que foi ator e testemunha: da Revolução de 1930, dos Levantes de 1932 e de 1935, da ascensão de Hitler ao poder, em 1936, do início da Guerra Civil Espanhola, das guerras mundiais, das prisões do Estado Novo, da democratização de 1945, da emergência de sindicatos e movimentos populares, das relações entre Igreja e Estado, do golpe militar de 1964... Fatos históricos que não foram descritos em sua obra “como eles de fato foram”, mas, como lugares da memória, foram apresentados em toda sua carga simbólica. Como disse Benjamin: “(...) um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”¹⁵.

Os traços autobiográficos estão implícitos na caracterização de Custódio, personagem central, um homem dividido entre a fé e a ideologia. Nele estão presentes as contradições do homem moderno, que não se distinguem daquelas do próprio autor. Sua prisão e as experiências vividas ali mudarão para sempre sua vida. Desta vez o cenário é múltiplo, urbano: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Madri, Barcelona, Paris, Roma e Nova York. Porém, o sertão persiste, ponto onde tudo converge. Nesse romance Duarte faz uma reflexão sobre o que é ser mulher, o que é ser homem, o que é a vida, a morte, a loucura, a lucidez, a ordem, a desordem, a liberdade e a prisão, manifestando seu desejo de compreender aspectos filosóficos

¹² DUARTE, *A ordem privada...*, p. 104.

¹³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹⁴ DUARTE, Nestor. *Tempos temerários*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1958.

¹⁵ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 37.

da natureza humana. Nessa trama urdida pelo autor, procuramos investigar as questões propriamente políticas de *Tempos temerários*. Aquelas que revelam as reflexões sobre a nação, que estejam relacionadas com o diagnóstico e os projetos do autor e que contribuam para o entendimento da sua visão política da nação.

Tempos temerários caracteriza-se por uma opção do autor de narrar e refletir sobre a trajetória de um militante do Partido Comunista, que rompe com o partido, abraça a causa de posseiros sem terra no sertão de Goiás e termina assassinado. O intelectual, vinculado às classes dominantes, mostrou-se incapaz de “fermentar” as massas e com elas se comprometer. Como liberal-reformista, acreditava que a principal tarefa do poder político era assegurar o direito de propriedade e a liberdade. Nesse sentido, seu projeto contra-revolucionário tinha um ideal prático: ver o país se transformar em uma república cidadã.

Duarte assume no romance, um posicionamento em relação à mulher na sociedade, que tende para “*sua libertação da submissão masculina*”. Santa incorpora o modelo de mulher que o autor idealiza: engajada politicamente, que “abraça uma causa” como objeto de desejo. O papel que a personagem desempenha no romance, segundo entendemos, deve ser percebido em três aspectos principais: um relacionado ao papel da mulher numa sociedade patriarcal como a brasileira; o que se refere à questão do estigma da doença; e outro que se refere a seu posicionamento político de esquerda, e sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro.

O tema do messianismo aparece no romance quando Custódio, em seu processo de rememoração, vê-se como um estranho de volta ao campo¹⁶. A figura de Antônio Conselheiro, o nômade do sertão, aparece como fantasma na personagem do Beato João:

Vinha sempre, por aqueles lados, o Beato João, como se chamava e era chamado um velho que morava numa grotta e andava pelas estradas a dizer palavras mansas e a esperar algumas esmolas que jamais pedia. Era um homem alto, de longa barba e comprido cabelo, de cajado à mão, a andar sem pressa nos passos, como um romeiro sem destino. Ainda há muitos deles pelo sertão. A figura chegava a impressionar, nessa caricatura grave dos tempos bíblicos. ‘É um homem justo’, diziam

¹⁶ O termo messianismo é empregado para caracterizar movimentos sociais que se assentam na convicção da chegada de um enviado divino destinado a garantir a justiça e a paz entre os homens. Via de regra, os movimentos messiânicos aparecem em sociedades cujas condições de vida são penosas e geradoras de descontentamentos. A história do Brasil registra vários movimentos messiânicos, dentre os quais Contestado e Canudos. É vasta a produção historiográfica sobre o messianismo, observado em movimentos sociais de cunho religioso por sociólogos e antropólogos, que produziram trabalhos importantes na década de 60, segundo nos informa Hermann; entre estes, *Cangaceiros e fanáticos*, de Rui Facó, que entende os “*movimentos messiânicos*” brasileiros (Juazeiro, Canudos, Contestado e Caldeirão), estruturados contra o latifúndio, a partir de uma proposta revolucionária tendo a religião como forma de expressão. HERMANN, Jacqueline. “História das religiões e religiosidades”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 329-352.

*dele, numa forma de linguagem que ainda guardava o sabor das Escrituras.*¹⁷

Nesse fragmento observa-se a incorporação do messianismo ao cenário rural, como material brasileiro, numa postura similar à adotada pelo autor em *Gado humano*. Não podemos deixar de pensar o tema das religiões e das religiosidades em sua relação com o contexto histórico em que o autor escreve o romance, nem consideramos possível negligenciar que fazia parte do olhar observador das ciências sociais no Brasil, especialmente nos primeiros cinquenta anos republicanos. Segundo a historiadora Jacqueline Hermann, esse olhar se deu, inicialmente, num contexto de “*dessacralização da vida política e cultural brasileira*”¹⁸, na passagem da monarquia para a república, e ganhava cunho científico a partir de um discurso positivista e anticlerical. Os limites desse trabalho não nos permitem tratar com profundidade o percurso histórico do catolicismo brasileiro, da religiosidade popular e dos estudos dos intelectuais envolvidos nessas perspectivas analíticas, cabendo-nos apenas sinalizar para algumas questões que nos permitam discutir a sua relevância no projeto político de Nestor Duarte.

Nos anos 30, essa discussão ganhou contornos especiais com Gilberto Freyre, que, segundo Hermann, foi o “*responsável por uma guinada nas interpretações do caráter da religiosidade colonial, conferindo-lhe um aspecto afetivo e de maior intimidade com a simbologia católica*”¹⁹. Segundo Motta, as instituições católicas no Brasil, a partir do início da Segunda Guerra Mundial, empreenderam uma ofensiva às “*atrocidades comunistas*”, a partir de uma percepção maniqueísta da realidade que interpretava aquele momento como “*marcado pela luta irreconciliável entre duas forças opostas, bem e mal, Cristo versus Anticristo, Roma versus Moscou*”²⁰. O Papa Pio XI, em março de 1937, editou a Encíclica *Divinis Redemptoris*, que enfatizava a postura anticomunista do papado e revelava o temor de que o comunismo conquistasse adeptos entre os fiéis. A análise empreendida por Motta aponta para a importância da atuação dos anticomunistas católicos nas disputas eleitorais, quando a Igreja empenhou-se em vencer os comunistas e seus aliados nas campanhas transcorridas entre 1945 e 1964. É a essa postura da Igreja que Nestor Duarte se refere no romance, a partir da ruptura de Custódio com a instituição, concretizando na personagem a possibilidade temida pela Igreja, de conversão dos crentes ao comunismo ateu:

Padre Loubet prossegue sempre a conversar, enquanto anda com um ímpeto de animal novo:

- O que esses tempos nos dizem é que a Igreja já perdeu o operário e nos deve caber a missão de recuperá-lo. Nada há que rever na sua teoria social que os papas tão bem propuseram. Mas há tudo que rever

¹⁷ DUARTE, *Tempos temerários*, p. 93.

¹⁸ HERMANN, “História das religiões...”.

¹⁹ HERMANN, “História das religiões...”, p. 348.

²⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002, p. 21.

na sua atitude. (...) Em questões em que o objetivo é ser ouvido e seguido, não basta abraçar idéias, defendê-las; é imprescindível usar dos mesmos instrumentos, adotar a mesma posição, imitar a linguagem e slogan emocionais para ser crido e obedecido. A Igreja muda de idéias, de costumes e vestes com grande relutância. O perigo da questão social é a sua celeridade. O operário enfurecido já não é ouvinte, mas um militante, sem tempo para saber como se deve pensar porque quer ser saber como se deve berrar. Ele só identifica seus irmãos, seus guias, por esse berro de protesto. Estará a Igreja disposta a berrar? (...) a Igreja não é só eterna pelo apostolado de Cristo, mas também pelo seu poder de renovação histórica. Os tempos atuais são um tremendo desafio às instituições do passado. A Igreja não será abalada por heresias. Corre o perigo de ser ultrapassada. Será triste que uma questão temporal, e que talvez perdue um século apenas, a desvie do curso da história.²¹

O autor coloca em questão o desafio que a Igreja tinha diante de si. O texto nos remete a certa tendência histórica do episcopado brasileiro, de buscar novos rumos que atendessem às demandas sociais do pós-guerra. Alguns setores da Igreja, a partir da década de 50, abandonam o elitismo e o conservadorismo emergindo um pensamento renovador que denuncia as injustiças sociais e revela uma preocupação com o povo. Esse caráter renovador pode ser percebido, por exemplo, na criação da CNBB.

Nestor Duarte inclui não só nesse romance, como também em *Cavalo de Deus*, o tema da Igreja no Brasil, possibilitando-nos pensar sobre as posturas que ela vai tomando ao longo dos tempos e o modelo eclesiológico que aqui vai se projetando. Sobretudo, nos encaminha a posicioná-lo como um liberal adepto do Estado laico e do reformismo progressista, demonstrando sua resistência à intervenção da Igreja no controle dos conflitos sociais, e ao papel assumido por ela como colaboradora do projeto nacionalista do Estado Novo.

Ainda com relação à citação acima, Nestor Duarte faz referência à emergência do movimento operário na cena política brasileira. A expressão “*sem tempo para saber como se deve pensar porque quer saber como se deve berrar*” demonstra certa contrariedade do autor com algo que inquietava as elites liberais brasileiras, desde 1930, que dizia respeito à manipulação das classes trabalhadoras pelos líderes da esquerda brasileira, à elevação dos trabalhadores à categoria de cidadãos, às arbitrariedades da ditadura do Estado Novo e ao apoio dos trabalhadores ao movimento “*queremista*”. Quando afirma que o operariado “*só identifica seus irmãos, seus guias, por esse berro de protesto*”, Duarte nos remete a uma representação, presente entre 1945 e 1964, de um trabalhador manipulado por líderes demagogos²².

²¹ DUARTE, *Tempos temerários*, p. 117-118.

²² Segundo Jorge Ferreira, o fenômeno acima descrito, o populismo, “*como noção para explicar a política brasileira de 1930 a 1964, tornou-se uma das mais bem-sucedidas imagens que se firmaram nas Ciências Humanas no Brasil. O ano de 1930 seria o início do ‘populismo na política brasileira’; 1945 marcaria rearranjos institucionais que teriam permitido a sua continuidade na experiência democrática; 1964, finalmente, significaria o colapso. (...) As primeiras formulações sobre o*

*O Partido cresce e se desenvolve por suas células. Vai buscar o operário por meios diretos. Ele pode saber de logo que é comunista ou que vai ser comunista. Não se lhe precisa fornecer, de início, uma ideologia e convencê-lo de princípios e dogmas filosóficos. Incute-se-lhe a revolta e o sistema de levá-lo adiante com o triunfo da classe obreira. Quem não é operário ou não ocupa a posição favorável de classe oprimida, chega ao Partido, ou dele se aproxima, pelo conhecimento filosófico, a leitura dos textos simplificados e claros que, antes de mais nada, transmitem ao leitor o contentamento da compreensão fácil. Não há dificuldades de assalto, a claridade marxista é uma surpresa e uma alegria para o espírito.*²³

Nestor Duarte, nessa citação, reitera sua crítica à doutrinação da classe trabalhadora realizada pelo Partido Comunista Brasileiro. Podemos identificar sua percepção da ausência de uma consciência e sentimento de classe por parte dos trabalhadores e, nesse sentido, a ação do Partido Comunista é perniciososa, por estar vinculada à manutenção dessa inconsciência. Duarte, ao ressaltar o caráter manipulador dessa ação no movimento sindical, condena a postura das lideranças do Partido Comunista, na medida em que, na sua visão, se constituíam também como uma casta à parte, sem representatividade, em relação a uma classe operária passiva. Esse posicionamento do autor é passível de críticas, na medida em que, sabe-se que em 1964 o operariado atuou como sujeito ativo da história republicana brasileira.

Cavalo de Deus foi o terceiro romance escrito por Nestor Duarte, publicado em 1968, pela José Olympio. A literatura revelou-se uma grande paixão de Duarte nas fontes pesquisadas. No caso de *Cavalo de Deus*, o tempo é o da escritura das memórias, como em *Tempos temerários*, percebendo-se uma evocação clara a fatos históricos ocorridos no Brasil dos anos 50 e 60.

A questão central no romance refere-se aos “costumes políticos”, em especial ao populismo e à trajetória do sindicalismo no Brasil dos anos de 1940, 1950 e 1960²⁴. O combate ao comunismo e a preservação da ordem interna eram temas associados e constituíram o pano de fundo de *Cavalo de Deus*. Nestor Duarte explica, no romance, a relação entre Estado e sociedade a partir da perspectiva de

‘populismo’ surgiram no contexto da democratização de 1945. No entanto, as idéias que estabeleceram a noção naquela época não se basearam em categorias teóricas com respaldo acadêmico, mas, sim, procuraram fabricar imagens politicamente desmerecedoras do adversário, esforçando-se para elaborar uma representação negativa daquele que se queria combater no decorrer da própria luta política”. FERREIRA, Jorge. “Introdução”. In: FERREIRA, Jorge. (org). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 8-9.

²³ DUARTE, *Tempos temerários*, p. 153.

²⁴ O conceito de populismo, na atualidade, é colocado em debate pela historiografia. Jorge Ferreira, por exemplo, “não compreende a expressão como um fenômeno que tenha regido as relações entre Estado e sociedade durante o período de 1930 a 1964 ou como uma característica peculiar da política brasileira naquela temporalidade (...) mas, sim, como uma categoria que, ao longo do tempo, foi imaginada, e portanto construída, para explicar essa mesma política”. FERREIRA, Jorge. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”. In: FERREIRA, *O populismo...*, p. 63-64.

uma “relação patológica entre um Estado que surge pleno de poderes e uma sociedade incapaz de reagir e se manifestar”²⁵, já delineada na análise do romance *Tempos Temerários* e que se confirma em *Cavalo de Deus*.

O movimento operário e a organização sindical nos anos 50 e 60 constituem o tema central do discurso literário em *Cavalo de Deus*. Nestor Duarte registra no romance o surgimento de lideranças jovens, a presença ativa dos comunistas, a articulação do movimento dos trabalhadores urbanos de origem também rural, o surgimento de organizações paralelas à estrutura oficial, a tentativa de politização dos sindicatos e a fragilidade das instituições partidárias brasileiras. Observamos também a relação das personagens no romance com as lideranças governamentais no período em questão, mostrando a delicada posição em que se encontravam diante dos rumos do movimento grevista. Duarte constrói o enredo a partir desse contexto, do qual assume o papel de testemunha²⁶. Nesse sentido, por ser obra de “uma testemunha” é resultado de um enfoque singular. Ao longo do romance percebemos a presença de discussões ideológicas que sustentam a narrativa. O autor se propõe não só a olhar, mas também a avaliar os sujeitos do drama político que constrói.

Esse amplo retrato do percurso histórico do sindicalismo brasileiro é o palco onde as personagens de Nestor Duarte irão atuar. A demonstração da origem rural do proletariado urbano está nas personagens escolhidas: são tropeiros do sertão baiano, aventureiros, romeiros, padres e mendigos, incluídos também nesse romance os trabalhadores urbanos. O Rio São Francisco, grande personagem, é descrito poeticamente como “o rio dos encontros”. A ele são atribuídos propósitos e desígnios. Montes Claros, Pedra Azul, Carinhonha, Caetité, Bom Jesus da Lapa e tantas vilas e lugarejos perdidos do sertão mineiro e baiano ganham notoriedade no ambiente do romance.

Em vinte capítulos, Duarte descreve a trajetória política do sindicalismo brasileiro e dos interesses políticos envolvidos nas situações de greve, quando os operários são “manipulados”. Os comunistas aparecem como opositores que se comportam como se fossem os “donos da greve”, além de serem acusados de “aproveitadores de sempre” e “exploradores dos pobres operários brasileiros”²⁷. Nestor Duarte mostra, no romance, o crescimento das adesões à greve, mas não deixa de

²⁵ DUARTE, Nestor. *Cavalo de Deus*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1968, p. 63.

²⁶ A literatura como testemunho é um tipo de escrita que Alfredo Bosi localiza em textos que estão no limiar entre memórias e engajamento: “O testemunho vive e elabora-se em uma zona de fronteira. As suas tarefas são delicadas: ora fazer a mimese de coisas e atos apresentando-os ‘tais como realmente aconteceram’ (conforme a frase exigente de Ranke), e construindo, para tanto, um ponto de vista confiável ao suposto leitor médio; ora exprimir determinados estados de alma ou juízos de valor que se associam, na mente do autor, às situações evocadas”. BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 222.

²⁷ DUARTE, *Cavalo de Deus*, p. 68. Sabe-se que a participação dos comunistas no movimento sindical do início dos anos 60 revelou-se ativa, com a sua presença nas principais federações e confederações. Sua atuação foi importante na definição dos princípios políticos norteadores da atividade sindical, naquela conjuntura, e se traduzia na luta por melhores condições de vida, por uma unidade de ação e organização das entidades visando ao seu fortalecimento, para que a atividade sindical não ficasse restrita às cúpulas das organizações de trabalhadores, mas que

mencionar os aspectos negativos como a existência de divergências internas quanto aos rumos do movimento.

O estudo das obras, inclusive dos romances, de Duarte nos proporcionou conhecer um intelectual interessado nos caminhos da experiência democrática brasileira, e sua percepção, que o acompanhava desde os anos 30, da existência de possibilidades reais de sua consolidação. Por toda vida dirigiu seu olhar para esse processo, certo de que, como toda prática, ela demanda tempo para se aperfeiçoar e produzir uma cultura política que concentre esforços na solução dos problemas sociais. Mostrou-se um escritor de seu próprio tempo, o século XX, consciente dos assuntos públicos, com opiniões e preconceitos sobre eles. O valor histórico de sua experiência como escritor está no fato de que usou a linguagem literária para construir sentido ao vivido. Nos termos de Alberti, “*selecionou e combinou elementos do real de acordo com sua tematização do mundo*” e, nesse sentido, ao “*fazer ficção*”, transgrediu o real concedendo ao imaginário foro de verdade. Em seus “*atos de fingir*”, produziu em nós leitores uma tensão entre fantasia e verdade. Mas, não há como escapar do fato de que a maior parte do que escreveu tem efeito de testemunho, daquilo que viu e ouviu, transmitindo algo daquilo que experimentou. Ângelo, Custódio e Damião, protagonistas de seus romances, expressam o desejo de justiça contra o poder dos coronéis, os “*mandões locais*”, encarnando a participação na vida política da nação. Em seus romances defendeu um conjunto de valores da cidade e da ação política que não implicaram na apologia da revolução, nem na ilusão de grandes rupturas. Diante da necessidade de pensar a relação do homem com a política, não desconheceu as condições de seu tempo, e demonstrou uma concepção ativa da liberdade, como força para a constituição da sociedade civil. Seu republicanismo nos instiga a retornar ao passado, não para com ele romper, mas para imaginar um futuro melhor, a partir de nossa própria capacidade de agir na esfera pública.

Na narrativa de seus romances, Nestor Duarte deixou em suspenso a fundação republicana, indicando sua inconclusão na formação social brasileira: cenas de contestação e resistência, de momentos que lampejam e se escondem, lembranças e esquecimentos trazendo para as manifestações políticas do presente, os fragmentos de experiências políticas passadas. Histórias que remetem às origens e à atualidade da experiência nacional brasileira: “*para que se estabelecessem ou não se rompessem os fios, seus fios de conversa, do diálogo possível*”²⁸.

contasse com a participação ativa das massas trabalhadoras. Cf. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Comando Geral dos Trabalhadores no Brasil (1961-1964)*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

²⁸ DUARTE, *Cavalo de Deus*, p. 154.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o pensamento de Nestor Duarte, buscando os elementos a partir dos quais sua prática política se baseou. Nesse sentido, em seus ensaios, projetos e romances aponta a inserção do autor numa tradição republicana democrática que enfatiza a participação na vida pública e a liberdade.

Palavras-Chave: Nestor Duarte; Liberalismo; Nação.

ABSTRACT

This work, which is focused on Nestor Duarte's aims and detecting those elements that orient his political practice. In this sense, his essays, projects and literary production suggest the author's position within a democratic republican tradition that emphasizes freedom and participation in public life.

Keywords: Nestor Duarte; Liberalism; Nation.